

SIRI HUSTVEDT

Desilusões de um americano

Tradução
Rubens Figueiredo



Copyright © 2008 by Siri Hustvedt

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

The sorrows of an American

Capa

Rita da Costa Aguiar

Foto de capa

<completar>

Preparação

Leny Cordeiro

Revisão

Angela das Neves

Isabel Jorge Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hustvedt, Siri

Desilusões de um americano / Siri Hustvedt ; tradução
Rubens Figueiredo. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: The sorrows of an American

ISBN 978-85-359-1588-4

1. Romance norte-americano 1. Título.

09-12015

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura norte-americana 813

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORAS SCHWARZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br

Minha irmã chamou aquela temporada de “ano dos segredos”, mas agora, quando penso nisso, entendo que foi um tempo não do que existia, mas sim do que não existia. Um paciente certa vez me disse: “Há fantasmas que andam dentro de mim, mas nem sempre eles falam. Às vezes, não têm nada a dizer”. Sarah, na maior parte do tempo, estreitava bem os olhos ou os mantinha fechados porque temia que a luz a cegasse. Acho que todos temos fantasmas dentro de nós, e é melhor quando eles falam do que quando não falam. Depois que meu pai morreu, não pude mais falar com ele em pessoa, mas não parei de conversar com ele dentro da minha cabeça. Não parei de vê-lo em meus sonhos nem parei de ouvir suas palavras. Contudo foi o que meu pai não tinha dito que tomou conta da minha vida por um tempo — aquilo que ele não havia contado para nós. Acontece que ele não foi o único a guardar segredos. No dia 6 de janeiro, quatro dias depois do seu enterro, Inga e eu descobrimos a carta no seu escritório.

Tínhamos ficado em Minnesota com a nossa mãe para dar

início à tarefa de selecionar os papéis dele. Sabíamos da existência de um livro de memórias que ele havia escrito nos seus últimos anos de vida, bem como de uma caixa com cartas que tinha enviado para os pais — muitas do seu tempo de soldado, no Pacífico, durante a Segunda Guerra Mundial —, mas havia naquele cômodo outras coisas que nunca tínhamos visto. O escritório do meu pai tinha um cheiro peculiar, um pouco diferente do cheiro do resto da casa. Eu me perguntava se todos os cigarros que ele havia fumado, se o café que tinha bebido e os anéis escuros que aquelas xícaras intermináveis deixaram na escrivaninha, durante quarenta anos, haviam influenciado a atmosfera do escritório a ponto de produzir o cheiro inconfundível que bateu em mim quando cruzei a porta. Agora, a casa já foi vendida. Um cirurgião-dentista a comprou e fez uma grande reforma, mas eu ainda consigo ver o escritório do meu pai com suas paredes cheias de livros, os arquivos, a escrivaninha comprida que ele mesmo havia feito, o pequeno gaveteiro de plástico em cima, que apesar da sua transparência tinha pequenas etiquetas, escritas à mão, em todas as gavetas — “clipes de papel”, “pilhas do aparelho auditivo”, “chaves da garagem”, “borrachas”.

No dia em que Inga e eu começamos a trabalhar, o tempo lá fora estava feio. Pela janela ampla eu via a fina camada de neve debaixo de um céu cor de ferro. Sentia que Inga estava de pé ao meu lado e ouvia sua respiração. Nossa mãe, Marit, dormia, e minha sobrinha, Sonia, tinha se encolhido em algum canto da casa, com um livro nas mãos. Quando abri uma gaveta do arquivo, tive o repentina pensamento de que estávamos à beira de saquear a mente de um homem, desmontar toda a sua vida, e sem aviso me veio à cabeça uma imagem do cadáver que eu havia dissecado na faculdade de medicina, o corpo estirado na mesa e a cavidade torácica escancarada à minha frente. Um dos meus colegas de laboratório, Roger Abbot, chamou o corpo

de Tweedledum, Dum Dum, ou apenas Dum. “Erik, dê uma olhada no ventrículo do Dum. Hipertrofia, cara.” Por um momento imaginei o pulmão destroçado do meu pai dentro do seu corpo, e depois me lembrei da sua mão apertando a minha com força, antes de eu sair do seu quartinho na clínica de repouso na última vez em que o vi com vida. De um só golpe, me senti aliviado por ele ter sido cremado.

O sistema de fichamento de Lars Davidsen era um complexo sistema de letras, números e cores, concebido para permitir uma hierarquia descendente no interior de cada categoria. As anotações iniciais ficavam subordinadas aos primeiros rascunhos, os primeiros rascunhos, aos rascunhos finais, e assim por diante. Não eram só seus anos de escrita e de magistério que estavam dentro daquelas gavetas, mas sim todos os artigos que ele havia escrito, todas as palestras que tinha dado, as volumosas notas que havia feito e as cartas que tinha recebido de colegas e amigos de curso, ao longo de mais de sessenta anos. Meu pai havia catalogado todas as ferramentas que algum dia ficaram penduradas na garagem, todas as notas fiscais dos seis carros de segunda mão de que foi dono durante a vida, todos os cortadores de grama e todos os eletrodomésticos — a vasta documentação de uma história longa e excepcionalmente frugal. Descobrimos uma lista discriminada das coisas guardadas no sótão: patins de criança, roupas de bebê, material de tricô. Numa caixinha, achei um monte de chaves. Presa a elas, uma etiqueta na qual meu pai havia escrito, com sua letra miúda e clara: “Chaves desconhecidas”.

Passamos dias naquele cômodo, com grandes sacos pretos de lixo, jogando fora centenas de cartões de Natal, livros escolares, incontáveis inventários de coisas que não existiam mais. Minha sobrinha e minha mãe preferiam evitar aquele cômodo. Com o Walkman nos ouvidos, Sonia vagava pela casa, lia Wallace

Stevens e dormia no sono comatoso que vem tão fácil aos adolescentes. De vez em quando, ela chegava perto de nós, tocava no ombro da mãe ou envolvia em seus braços compridos e finos os ombros de Inga, para lhe dar um apoio silencioso, antes de deslizar para outro cômodo. Fiquei preocupada com Sonia desde que o pai dela morreu, cinco anos antes. Lembro-me de Sonia no corredor do hospital, seu rosto estranhamente impassível, o corpo enrijecido contra a parede e a pele tão branca que me fazia pensar em ossos. Sei que Inga tentou esconder de Sonia a sua dor, sei que, quando a filha estava na escola, minha irmã punha música para tocar, ficava deitada no chão e gemia, mas eu nunca tinha visto Sonia chorar, nem sua mãe. Três anos antes, na manhã do dia 11 de setembro de 2001, Inga e Sonia se viram correndo para o norte junto com centenas de pessoas que fugiam da Stuyvesant High School, onde Sonia era aluna. Estavam a poucos quarteirões das torres em chamas e só mais tarde eu soube o que Sonia tinha visto da janela da sua sala de aula. Da minha casa no Brooklyn, naquela manhã, eu só vi a fumaça.

Quando não estava descansando, nossa mãe vagava de um quarto para outro, perambulando que nem um sonâmbulo. Seu passo determinado, mas leve, não era mais pesado do que antigamente, mas tinha ficado mais vagaroso. Ela dava uma espiada no que estávamos fazendo, nos oferecia comida, mas raras vezes atravessava a porta. O cômodo devia lhe trazer à memória os últimos tempos do meu pai. O agravamento do seu enfisema aos poucos encolheu seu mundo. Perto do fim, ele mal conseguia andar e se mantinha quase sempre na área de três metros e meio por cinco do seu escritório. Antes de morrer, ele separou os papéis mais importantes, agora guardados em perfeita ordem numa fileira de caixas ao lado da escrivaninha. Foi num desses arquivos que Inga achou as cartas das mulheres que meu pai

conhecera antes da minha mãe. Mais tarde, li todas as palavras que elas haviam escrito para o meu pai — um trio de amores pré-conjugais —, uma Margaret, uma June e uma Lenore, todas escreviam cartas fluentes, mas mornas, assinadas “Amor”, ou “Com amor”, ou “Até a próxima vez”.

As mãos de Inga tremeram quando achou os maços. Era um tremor que eu conhecia bem, desde a infância, sem nenhuma relação com doença, mas com o que minha irmã chamaava de eletricidade. Ela jamais conseguia prever um ataque. Eu tinha visto Inga dar palestras em público, as mãos sossegadas, e também havia visto Inga dar conferências em que suas mãos tremiam com tamanha violência que precisava escondê-las nas costas. Depois de pôr de lado os três maços de cartas de Margaret, June e Lenore, outrora tão desejadas, mas perdidas havia muito tempo, Inga puxou uma única folha de papel, passou os olhos nela com expressão espantada e, sem dizer nada, a entregou para mim.

A carta trazia a data de 27 de junho de 1937. Abaixo da data, numa letra grande e infantil, dizia: “Caro Lars, sei que você nunca vai contar nada do que aconteceu. Nós juramos sobre a BÍBLIA. Não tem mais importância, agora que ela está no céu, nem para os que ficaram aqui na terra. Acredito na sua promessa. Lisa”.

“Ele queria que nós achássemos”, disse Inga. “Do contrário, teria destruído. Mostrei para você aquelas revistas com as páginas arrancadas.” Fez uma pausa. “Já ouviu falar da Lisa?”

“Não”, respondi. “A gente podia perguntar para a mamãe.”

Inga me respondeu em norueguês, como se o tema de nossa mãe exigisse o uso de nossa primeira língua. “*Nei, Jei vil ikke forstyrre henne med dette*” (Não, eu não vou perturbar a mamãe com isso). “Sempre achei”, prosseguiu Inga, “que havia certas coisas que o papai escondia da mamãe e de nós, sobretudo a respeito da sua infância. Ele tinha quinze anos nessa data. Acho

que já haviam perdido os quarenta acres da fazenda e, a menos que eu esteja enganada, foi o ano em que o vovô soube que o irmão, David, tinha morrido.” Minha irmã olhou para baixo, para a folha de papel marrom-clara. “‘Não tem mais importância, agora que ela está no céu, nem para os que ficaram aqui na terra.’ Alguém morreu.” Ela engoliu em seco e fez um barulho. “Coitado do papai, jurando sobre a Bíblia.”

Depois que Inga, Sonia e eu despachamos onze caixas com papéis pelo correio para Nova York, a maior parte para a minha casa no Brooklyn, e voltamos para nossas respectivas vidas, eu estava sentado no meu escritório numa tarde de domingo, com as memórias escritas pelo meu pai, cartas e um pequeno diário encadernado em couro, sobre a escrivaninha à minha frente, e lembrei algo que Auguste Comte escreveu certa vez sobre o cérebro. Chamou-o de “um dispositivo por meio do qual um morto atua sobre um vivo”. A primeira vez que segurei o cérebro de Dum nas mãos, de início fiquei surpreso com o seu peso, e depois com o que eu havia apagado — a consciência do homem que um dia esteve vivo, um homem de setenta anos de idade, atarracado, que morrera de doença cardíaca. Quando o homem estava vivo, pensei, tudo estava ali — imagens internas e palavras, memórias dos mortos e dos vivos.

Talvez uns trinta segundos depois, olhei através da janela e vi Miranda e Eglantine pela primeira vez. Estavam atravessando a rua com o corretor de imóveis, e logo me dei conta de que eram possíveis inquilinos para o andar térreo da minha casa. As duas mulheres que moravam no apartamento do jardim iam mudar-se para uma casa maior em Nova Jersey e eu precisava preencher a vaga. Depois do meu divórcio, a casa pareceu crescer. Genie havia ocupado muito espaço, e Elmer, seu cão spaniel,

Rufus, seu periquito, e Carlyle, seu gato, haviam ocupado também um bom território. Por um tempo, houve peixes. Depois Genie foi embora, eu usei os três andares para guardar meus livros, milhares de volumes dos quais não podia me separar. Minha ex-esposa, magoada, se referia à nossa casa como o Librarium. Eu tinha comprado a casa de arenito pardo como uma peça rara, fruto do trabalho de um artesão, antes do meu casamento, quando o mercado de imóveis estava em baixa, e desde então fizera reformas nela. Minha paixão por carpintaria é uma herança do meu pai, que me ensinou a fazer e consertar quase tudo. Durante anos eu ficava entocado numa parte da casa, enquanto esporadicamente cuidava do resto. As demandas do meu ofício médico espremiam as horas de lazer a quase nada, um dos fatores que me levaram a unir-me a essa grande legião da humanidade ocidental conhecida como “os divorciados”.

A mulher jovem e a menina pararam na calçada, com Laney Buscovich, da empresa Homer Realtors. Não dava para ver o rosto da mulher, mas notei sua bela postura. Tinha o cabelo curto, bem junto à cabeça. Mesmo de longe, gostei do pescoço esguio e, embora estivesse de casaco comprido, a visão do pano por cima dos seios acendeu uma imagem repentina do seu corpo nu, e junto com isso veio uma onda de excitação. A solidão sexual que eu sentia havia algum tempo, um sentimento que certa vez me levara aos prazeres voyeurísticos da tevê pornô a cabo, se intensificaram depois do enterro do meu pai, se avolumando dentro de mim como uma tempestade iminente, e aquele acesso de libido post-mortem me deu a sensação de que eu tinha voltado à minha vida de adolescente onanista salivante, o punheteiro alto, magricela, praticamente careca, da escola secundária Blooming Field Junior.

Para interromper a fantasia, eu me virei para ver a menina. Era uma coisinha delgada, num casaco roxo e volumoso, que es-

calou a mureta do alpendre e ficou ali balançando o corpo, com uma perna fina esticada para a frente. Debaixo do casaco, vestia o que parecia uma espécie de tutu, uma mistura rosada de tule e de filó, por cima de uma calça de malha de ginástica preta e pesada que enfunava na altura dos joelhos. Mas o que mais chamava a atenção na criança era o cabelo, a massa castanho-clara de cachos macios que envolvia sua cabeça pequena feito uma imensa auréola. A pele da mãe era mais escura que a da filha. Se aquelas duas eram mesmo mãe e filha, concluí que o pai devia ser branco. Prendi o fôlego quando vi a menina pular da mureta, mas ela aterrissou com facilidade, com uma leve batida dos joelhos no chão. Como Tinkerbell, pensei.

Ao recordar o início da nossa vida, o aspecto que mais causa espanto é como a nossa casa era pequena, escreveu meu pai. Cozinha, sala de estar e quarto de dormir no térreo, num total de 44,28 metros quadrados. Dois cômodos no primeiro andar, usados como dormitórios, com a mesma área do térreo. Não havia nenhum luxo. Nossas instalações hidráulicas consistiam em um banheiro externo e uma bomba manual, ambas situadas a vinte e três metros da casa. Uma chaleira fornecia água quente, bem como uma caixa-d'água anexa ao fogão. À diferença de fazendas mais bem equipadas, não tínhamos nenhuma cisterna subterrânea para armazenar água de chuva, mas tínhamos um grande tanque de metal que captava a água da chuva durante o verão. No inverno, derretíamos a neve. Lampiões de querosene forneciam luz. Embora a eletrificação rural tenha começado na década de 1930, só fomos “ligados” em 1949. Não havia forno. Uma estufa à lenha aquecia a cozinha e um aquecedor cuidava da sala de estar. A não ser pelas janelas reforçadas para o caso de tempestade, a casa não tinha nenhum isolamento. Só durante as ondas de frio

mais rigorosas mantínhamos o fogo aceso no aquecedor durante a noite inteira. A água da chaleira muitas vezes estava congelada pela manhã. Papai acordava primeiro. Ele acendia logo o fogo, portanto boa parte do pior já tinha passado quando a gente rastejava para fora da cama. Mesmo assim, havia um bocado de calafrios e de ajuntamento em volta da estufa enquanto a gente trocava de roupa. Uma vez, no inverno, no início da década de 1930, ficamos sem lenha. Não tínhamos armazenado o suficiente. Se era preciso queimar madeira verde, cinzas e bordo davam conta do recado.

Enquanto eu lia, estava sempre à espera de uma referência a Lisa, mas nada aparecia. Meu pai escreveu sobre os apuros de empilhar “uma simples braçada de lenha”, arar a terra com Belle e Maud, as éguas da família, limpando o terreno das ervas daninhas, como o cardo canadense e o capim-amarelo, as artes rurais de lavrar, semear, lavrar em cruz, plantar milho e cortar, colher o feno, a debulha coletiva, o armazenamento no silo, a caça aos ratões do mato. Quando garoto, meu pai matava ratões do mato para ganhar dinheiro e, encarando da posição privilegiada que alcançou mais tarde na vida, ele comprehendia a graça que havia naquela ocupação. Ele começou um parágrafo com a frase: *Se você não se interessa pela caça aos ratões do mato nem pelo método de apanhá-los, salte para o parágrafo seguinte.*

Todas as memórias são repletas de lacunas. É óbvio que há histórias que não podem ser contadas sem dor, para os outros ou para si mesmo, é óbvio que autobiografia é uma coisa atulhada de questões de perspectiva, autoconhecimento, repressão e fraude inequívoca. Não fiquei surpreso ao ver que a misteriosa Lisa, que fez meu pai jurar manter um segredo, estava ausente de suas memórias. Eu sabia que havia muita coisa que eu mesmo deixaria de fora das minhas memórias. Lars Davidsen foi um homem de honestidade rigorosa e de sentimentos profundos, mas Inga tinha razão a respeito da sua vida de jovem. Muita coisa ficou es-

condida. Entre *Não tínhamos armazenado o suficiente e queimar madeira verde, cinzas e bordo davam conta do recado*, havia uma história que não foi contada.

Levei anos para entender que, embora meus avós sempre tivessem sido pobres, a Depressão os havia levado à completa ruína. A casinha lamentável descrita por meu pai ainda está de pé, e os vinte acres remanescentes do que um dia foi uma fazenda hoje se encontram arrendados a outro fazendeiro que é dono de outras centenas e centenas de acres. Meu pai nunca deixou a propriedade ser vendida. À medida que sua doença se agravaava, ele admitiu vender a casa onde tinha morado com minha mãe e conosco, um lugar adorável, em parte feita com a madeira das árvores que ele mesmo tinha derrubado, mas a casa da fazenda da sua infância ele deu para mim, seu filho, o médico renegado, o psiquiatra e psicanalista que mora em Nova York.

Na época em que conheci meu avô, ele se mantinha quase sempre calado. Sentava-se numa cadeira estofada na pequena sala de estar com a lenha em brasa na estufa. Além da cadeira, havia uma mesinha bamba com um cinzeiro. Quando eu era jovem, aquele objeto me fascinava porque eu o achava vergonhoso. Era a miniatura de uma privada preta, com tampa dourada, a única privada com descarga que meus avós tiveram na vida. A casa tinha sempre um cheiro forte de mofo e, no inverno, um cheiro de lenha queimada. Raramente subíamos ao primeiro andar, mas acho que nunca nos diziam para não ir lá. Os degraus estreitos levavam a três quartos pequenos, um dos quais pertencia ao meu avô. Não lembro quando foi, mas eu não podia ter mais de oito anos. Subi a escada às escondidas e entrei no quarto do meu avô. Uma luz fraca brilhava na janela pequena, e vi os ciscos de poeira dançando no ar. Olhei para a cama estreita, as pilhas de jornais amarelados, o papel de parede rasgado, alguns livros empoeirados sobre uma cômoda surrada, os sacos de ta-

baco, as roupas amontoadas num canto, e me veio um mudo sentimento de espanto. Acho que eu tinha uma vaga ideia da existência de um homem solitário e de alguma coisa perdida — mas não sabia o quê. Nessa recordação, ouço minha mãe atrás de mim, me dizendo que eu não devia estar ali no quarto. Ela, minha mãe, parecia saber tudo, parecia perceber o que os outros não percebiam. Sua voz nada tinha de ríspida, mas sua imposição talvez tenha gravado aquela experiência na minha memória. Fiquei imaginando se naquele quarto, em algum canto, haveria alguma coisa que eu não deveria ver.

Meu avô era gentil com a gente e eu gostava das mãos dele, até da mão direita, na qual faltavam três dedos, perdidos num acidente com uma serra circular em 1921. Ele estendia a mão, dava uma palmadinha no meu ombro e mantinha a mão ali, antes de voltar para o seu jornal e a sua escarradeira, uma lata de café com a palavra “Folgers”. Os pais dele, imigrantes, tiveram oito filhos: Anna, Brita, Solveig, Ingebor, outra Ingeborg, David, Ivar (meu avô) e Olaf. Anna e Brita viveram até a idade adulta, mas morreram antes de eu nascer. Solveig morreu de tuberculose em 1907. A primeira Ingeborg morreu no dia 19 de agosto de 1884. Tinha dezesseis meses de vida. Nossa *pai* me contou que essa Ingeborg morreu pouco depois de nascer e era tão pequena que usaram uma caixa de charutos como caixão. Nossa *pai* deve ter confundido a morte de Ingeborg com algum outro caso do local. A segunda Ingeborg também pegou tuberculose e passou uma temporada no Sanatório Fontes Minerais, mas se recuperou. David ficou doente de tuberculose em 1925. Passou todo o ano de 1926 no sanatório. Quando se recuperou, sumiu. Só foi encontrado de novo em 1936 e, nessa altura, já tinha morrido. Olaf morreu de tuberculose em 1914. Fantasmas irmãos.

Minha avó, também filha de imigrantes noruegueses, foi criada com dois irmãos saudáveis e herdou dinheiro do pai. Era